

A TERAPIA PELA ARTE.

“Surpreende o número de doentes mentais que buscam expressão gráfica. É freqüente desenharem sobre as paredes ou em qualquer pedaço de papel que lhes caia nas mãos. Mesmo os mais inacessíveis, de contato mais difícil, raro deixam de desenhar se lhes entregarmos o material necessário. Este fato curioso explica-se no ponto de vista da psicopatologia genética, admitindo ocorrerem nas psicoses processos regressivos, que reconduzem o indivíduo a fases anteriores do seu próprio desenvolvimento ou mesmo da evolução da Humanidade. O pensamento abstrato, aquisição mais recente, cede lugar na doença ao pensamento concreto, isto é, as idéias passam a apresentar-se sob a forma de imagens (aliás o mesmo acontece no sonho e nos estados intermediários entre sono e vigília). Uma vez cindido e submerso o pensamento lógico, fica simultaneamente prejudicada a linguagem verbal que é o seu instrumento de expressão. Desde que seu pensamento flui agora em imagens, o indivíduo muito naturalmente usará exprimir-se reproduzindo-as. Pode projetá-las, entretanto, sem nenhum intento de comunicar-se com outrem, impulsionado por mera tendência fisiológica à exteriorização. Neste caso os desenhos nascem inteiros de um só jato, multiplicam-se em número espantoso e suas côres são quase sempre muito vivas. Mas apenas o ego começa a lançar frágeis pontes para o mundo real, aos modelos interiores vêm juntar-se objetos do mundo exterior recordados ou vistos no presente, a produção diminui e faz-se através de trabalho mais demorado, o colorido se enriquece de nuances.

Esses sinais indicam que passos começam a ser dados no caminho de volta à realidade, desenho e pintura se estão tornando linguagem emocional. A atividade artística poderá mesmo adquirir o sentido de um verdadeiro processo curativo” (1).

Este depoimento da dra. Nise da Silveira, tão rico de explicações, é duplamente valioso.

Se, dum lado, testemunha sua experiência na oficina de arteterapia do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, apontando as vantagens terapêutica da livre expressão do doente mental, do outro, nos revela a importação junguiana de seu trabalho de análise dos produtos expressivos dos esquizofrênicos.

(1) Apud: Bittencourt, G. M. Museus do Rio de Janeiro — III. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1969.

As experiências na oficina de arte-terapia, fundada em 1946, confirmam o trabalho que inúmeros psiquiatras vinham desenvolvendo desde o início do século, vendo na atividade expressiva espontânea do esquizofrênico um esforço para dar sentido à vida, uma tentativa de reconstruir o mundo interior e reintegrar-se no mundo exterior.

Caracterizada por uma dissociação entre a efetividade, perturbada pela perda de contacto com a realidade, e inteligência que, lucidamente, registra tudo o que se passa no cotidiano, a esquizofrenia leva, freqüentemente, o doente a estados de estupor, que, muito dificilmente, são expressos verbalmente.

O esquizofrênico, entretanto, pode "falar" através do desenho, da pintura, da modelagem, exprimindo simbolicamente o que se recusa a transmitir através da linguagem.

Compreender estes símbolos, ver neles uma forma de auto-cura permite ao psiquiatra aproximar-se do universo pessoal do esquizofrênico que, através da expressão espontânea, registra inconscientemente as próprias mudanças afetivas, os movimentos de avanço e recuo em relação à realidade.

Este processo complexo de relação com a realidade tem um precioso documento nas "Memórias de uma esquizofrênica", escritas por Renée após seu tratamento com M. A. Secheyaye. Observando de fora o universo esquizofrênico, a psicóloga suíça tinha escrito "A Realização Simbólica", sem, no entanto, poder penetrar no interior do processo.

O relato de Renée abre-lhe as portas do universo esquizofrênico, permitindo-lhe ver que "... mesmo quando se encontra num estado de decadência física e mental que faz pensar em demência, o esquizofrênico continua de posse de uma alma, de uma inteligência, e passa por sentimentos, às vezes bem vivos, sem poder exteriorizá-los. Até nos períodos de completa indiferença ou de estupor, nos quais o doente não sente mais nada, resta-lhe uma lucidez impessoal que o torna capaz de perceber o que se passa a seu redor; e até de ser dar conta de seus estados afetivos. Freqüentemente essa própria indiferença, levada a extremos o impede de falar e responder às perguntas que lhe são feitas..." (2).

Muito embora Rennée não se tenha expresso graficamente, seu relato confirma o depoimento da dra. Nise da Silveira: o esquizofrênico pensa por *imagens*.

Num processo progressivo de irrealidade, Renée chega à cisão do objeto e do conceito num mundo recortado, elétrico, mineral: "...

(2) Secheyaye, M. A. Memórias de uma esquizofrênica. Trad. Carlos Lacerda. /Rio de Janeiro/ Nova Fronteira /1973/, p. 24.

Já há algum tempo eu me queixava cada vez mais de que as coisas zombavam de mim. E sofria intensamente. No entanto nada me fazia(m) de especial, não me atacavam diretamente, nem sequer falavam. O que me fazia dizer que zombavam de mim era a sua simples presença. Eu me apercebia dos objetos tão recortados, tão separados uns dos outros, tão polidos, feito mineirais, tão iluminados, tão tensos, que me davam medo intenso. Quando, por exemplo, eu olhava uma cadeira ou um jarro não pensava mais na sua utilização, na sua função. Não era mais um jarro para água ou leite, e uma cadeira feita para alguém sentar-se. Não. Esses objetos perderam o nome, a função, a significação. Converteram-se em “coisas”. E essas “coisas” desandaram a existir...

Eu tentava livrar-me do seu domínio pronunciando-lhes o nome. Dizia: “Cadeira”, “Vaso” Mesa” — Isto é uma cadeira’. Mas a palavra era decantada despojada de toda significação, havia abandonado o objeto a tal ponto que havia de um lado a “coisa viva e zombando” e de outro, seu nome vazio de qualquer sentido, como um invólucro esvaziado de seu conteúdo. Não conseguia mais reunir os dois elementos...

... Horríveis imagens me assediavam, tão vivas que eu sentia sensações reais no meu corpo.

Não posso dizer que realmente via tais imagens; eram apenas representações. Melhor dito, eu as sentia. Parecia-me ter a boca cheia de passarinhos que eu mastigava e me asfixiavam com suas penas, com seus ossinhos triturados e o seu sangue na minha boca. Ouvia pessoas que eu fechava em latões de leite e se putrefaziam e eu, eu devorava êsses cadáveres podres. Ora devorava a cabeça de um gato, que por sua vez me devorava, por dentro” (3).

Vendo na linguagem comum um instrumento inadequado à expressão de seus sentimentos, Renée elabora uma “língua” própria, feita de sons incompreensíveis:

“...Sofria uma dor moral infinita, chorava e urrava horas inteiras, gritando “*Raíte, Raíte, Raíte, Was habe ich gemacht*, depois me lamentava na minha “língua”, isto é, nas minhas palavras incompreensíveis, algumas das quais me voltavam, sempre as mesmas, como *ichtiú, gaô, itivarê, gibastú, Ovêdê etc.* Não procurava fabricá-las, não, vinham sozinhas e não queriam significar coisa alguma, por si sós. Eram o tom e o ritmo da pronúncia que possuíam um sentido. Através dessas palavras eu me lamentava, exprimia tôda a dor profunda e infinita desolação que habitavam o meu coração. Não me servia das palavras usuais porque a minha dor e o meu desespero eram sem objeto real...” (4).

(3) *Id., Ibid.*, pp. 59/60, 62.

(4) *Id. Ibid.*, pp. 114.

Em sua "língua" particular, Renée chega a compor conceitos com objetos reais: certa vez, enfia todos os sapatos num cordão, suspende-o numa chave do armário e coloca sobre esta uma tesoura aberta, em equilíbrio, de pontas para o ar.

Queria com isto significar que estava zangada e que era preciso protegê-la porque tinha *ordens* de partir. Os sapatos significavam a partida. Sua desordem, a cólera. O cordão, a tensão da irrealidade. A tesoura, a hostilidade e o meio oferecido à psicóloga para desfazer a cólera e cortar a tensão...

Cortadas as amarras com a realidade, que, entretanto, registra lucidamente, o esquizofrênico constrói um mundo próprio, de feições particulares, em que o espaço e o tempo não são aqueles dos indivíduos normais.

A configuração do espaço, por exemplo, permite ao psiquiatra estudar os graus de irrealidade em que está mergulhado o esquizofrênico.

Partindo da observação dos desenhos e pinturas realizados na oficina de arte-terapia, a dra. Nise da Silveira classificou cinco tipos fundamentais de espaço:

- 1 — um espaço sem limites, que arrasta na distância pessoas e objetos;
- 2 — um espaço tão estreito, em que os objetos, um próximo do outro, assumem feições ameaçadoras;
- 3 — um espaço em que as relações entre os objetos não são lógicas. O objeto deixa de ter significação, vive num fluxo contínuo, produzindo uma impressão caótica;
- 4 — um espaço totalmente desestruturado;
- 5 — um espaço "cotidiano", em que se tentam restabelecer relações espaciais e significativas entre os objetos.

Um fato chama a atenção da dra. Nise da Silveira em certas obras: a presença de temas mitológicos, elaborados por doentes incultos, e que aparentemente nada tinham a ver com a problemática pessoal do autor.

Isto leva-a a procurar uma explicação na psicologia junguiana, notadamente nas concepções de *arquétipo* e *inconsciente coletivo*.

Estas concepções tinham sido elaboradas por Jung a partir da experiência clínica, levando-o a concluir que existe um substrato mental comum a todos os homens, no qual têm origem os mitos e as cosmogonias.

Algumas considerações de Jung sobre o mito são extremamente importantes para compreender sua função no processo esquizofrênico.

O mito exerce uma função *positiva*, dando um *significado* à existência. Seu papel não é apenas atual. Prospetivo, o mito é também uma tentativa para *adaptar-se ao futuro*.

O emergir do mito, na produção esquizofrênica, pode ser, portanto, considerado como uma tentativa de auto-cura. O doente não só tentaria reconstruir o próprio eu cindido, mas, numa operação projetiva, tentaria integrar-se na história da humanidade em seus aspectos mais ricos e expressivos.

Este desejo de integração numa unidade maior pode ser detectado na presença constante de duas imagens: o mito de Dionísio e a mandala.

Sabemos com Nietzsche que o elemento dionísíaco dissolve os limites da alma, reconcilia o homem com a Natureza, não através da inteligência, mas por intermédio do êxtase. Livreto dos entraves individuais, o homem alcança a harmonia universal, reencontra os outros, *reencontra-se, reintegra-se, conhece a Unidade Primordial*. De artistas transforma-se em obra de arte (**).

Exprime a *totalidade* da psique em todas suas dimensões, apontando para o aspecto mais vital da vida: sua finitude. Presente na maioria das simbologias religiosas, a mandala representa no Lamaísmo a relação do cosmos com os poderes divinos, sendo para o Zen símbolo da iluminação, da perfeição humana.

Roda do sol nas religiões pré-cristãs, aparece com freqüência na arte cristã sob forma de rosácea, de halo, ou na representação de Cristo rodeado pelos quatro evangelistas.

Como o próprio Jung aponta, a mandala contém freqüentemente a quaternidade, ou o múltiplo de quatro, sob forma de cruz, estrela, quadrado, octógono.

Além de quaternária, a mandala pode ser perturbada. Neste caso, suas formas derivam do círculo, do quadrado, da cruz ou dos números três e cinco e seus múltiplos.

Qualquer que seja sua disposição, a mandala possui um centro, que representa o núcleo central da psique ("self" na terminologia junguiana), fonte de energia.

(*) Arquétipo: herança psicológica comum da humanidade, que pode surgir espontaneamente em qualquer lugar e em qualquer época.

Inconsciente coletivo: parte da psique que retém e transmite os arquétipos.

(**) Seria também interessante lembrar as duas versões gregas do mito de Dionísio, o qual aparece em ambas como símbolo da união do Céu e da Terra e da ressurreição da vida e do homem pela embriaguez dos sentidos.

Segundo a mitologia, Dionísio é fruto da união de Zeus (Céu) e Sêmele (Terra). Após a morte da mãe, Zeus recolhe o feto em sua coxa e o coloca no mundo pela *segunda vez*.

Segundo os mistérios báquicos, Dionísio é filho de Zeus e Deméter, a deusa que preside ao aparecimento e desaparecimento da vida aparente. Morto e comido pelos titãs, só resta dele o coração, que se torna o centro duma nova vida. E Dionísio ressurge.

O "self" não é apenas o centro, mas toda a circunferência, englobando consciente e inconsciente.

Símbolo da ordem, que transforma o caos em cosmos, a mandala aparece nos períodos de recrudescimento das crises psíquicas como uma tentativa instintiva de auto-cura. O doente tenta reconstruir a ordem que lhe escapa através dum ponto central com o qual todas as coisas se relacionam, ou dando uma disposição concêntrica a uma multiplicidade de elementos contraditórios e irreconciliáveis.

Se a configuração expressiva dos conteúdos inconscientes é uma forma *instintiva* de auto-cura, são mais do que evidentes as vantagens da terapia pela arte.

Numa carta a Robert Volmat, datada de abril de 1951, a dra. Nise da Silveira resume a própria experiência na oficina do Engenho de Dentro:

"A atividade artística parece-nos um verdadeiro método de tratamento

As vantagens que o psicanalista pode tirar da produção artística de seus pacientes são evidentes. Mas, mesmo independente dum tratamento dirigido por um análista, pensamos que a atividade artística é, em si, um processo terapêutico:

1 — Produzindo em certos casos um efeito catártico;

2 — Como encaminhamento para a sublimação das pulsões instintivas que se manifestam deformadas nos sintomas;

3 — Dando uma oportunidade a doentes que começam a lançar pontes frágeis para o mundo exterior, de utilizar a linguagem emocional das artes plásticas, quando são ainda incapazes de comunicar verbalmente.

Pintam então fragmentos de realidade que contêm experiências pessoais vividas de modo intenso. Nossas observações nos levam a crer que o exercício da linguagem pela imagem ajuda, nestes casos, no estabelecimento ulterior das comunicações verbais e melhora os contactos intra-pessoais;

4 — Acrescentaremos que o funcionamento dum atelier de pintura num hospital psiquiátrico traz igualmente vantagens terapêuticas que podem ser atribuídas ao dinamismo do grupo..." (5).

O próprio Jung, em 1957, reconhece o valor terapêutico da pintura:

"O efeito deste método (pintura) é evidentemente devido ao fato de que a impressão caótica ou aterrorizante é substituída pela pintura que, por assim dizer, a recobre. O *tremendum* é exorcizado pelas imagens pintadas,

(5) Apud: Volmat, R. *L'art psychopathologique*. Paris, PUF, 1956, pp. 254-255.

torna-se inofensivo e familiar e, em qualquer oportunidade que o doente recorde a vivência e seus ameaçadores efeitos emocionais, a pintura interpõe-se entre ele e a experiência, e assim mantém o terror a distância” (6).

Exorcizando fantasmas perturbadores, tentando restabelecer uma ordem que se esvai, a arte-terapia parece ser uma extensão da idéia junguiana de criatividade.

Rejeitando a concepção freudiana que considera a arte uma forma compensatória, Jung vê a *criatividade* como uma *função psíquica permanente*: o “self” cria *inconscientemente* soluções e caminhos existenciais na grande jornada do homem rumo à individuação.

E nada melhor que a mandala exprime a busca incessante do próprio eu, da síntese interior, em que se harmonizam consciente e inconsciente, pensamento e sentimento, fantasia e realidade.

Se o processo criativo é vital no indivíduo normal, será tão mais valioso para o esquizofrênico que, através dele, tentará restabelecer relações afetivas com a realidade. Como lembra Renée:

“Somente aquêles que perderam a Realidade e viveram durante anos no inumano e cruel País da Clareza podem provar a verdadeira alegria de viver e medir o valor inestimável de fazer parte da humanidade” (7).

Se a conquista da realidade é dolorosa, a irrealidade em que vive o esquizofrênico permite-lhe conhecer um mundo mais rico, mais expressivo, mais verdadeiro que o universo cotidiano do indivíduo normal.

Vivendo profundamente a própria realidade interior, o esquizofrênico, através de seus produtos expressivos, leva-nos a questionar as noções de normalidade, ao nos revelar um mundo novo e desconhecido. Novo e desconhecido para aqueles que se fecham num universo “racional” e recusam o rico manancial do inconsciente, do sonho, da fantasia.

Em sua jornada da realidade interior à realidade exterior, o esquizofrênico é o indivíduo total que vive a vida em todas suas dimensões, reconstrói o caminho da humanidade a partir de sua raiz primal, abrindo-nos as portas dum mundo que a percepção normal não nos revelará nunca.

Se a caminhada rumo à conquista do eu é feita de dor, de angústia, de medo, a experiência do esquizofrênico nos revela quão rico é o mundo do homem que se perdeu e se reencontrou. E é uma esperança para todos os que se perdem e se reencontram ao longo da vida.

(6) Apud: Silveira, N. da Imagens do inconsciente. Rio de Janeiro, MAM, jun.-jul. 1975, p. 9.

(7) Secheyay, M. A. *Op. cit.*, p. 128.

Afinal, o que significa viver? Fechar-se num mundo de preceitos e leis rígidas? Ou experimentar o devir, o fluir, abrir-se a todos os possíveis, descobrir as fontes mágicas da existência, a matriz primitiva da humanidade?

Annateresa Fabris